

## “A liberdade precisa ser conquistada”

Entrevista com Antonio Manuel<sup>1</sup>

**Revista Concinntas:** Como você e Lygia Pape se conheceram?

*Antonio Manuel:* Eu conheci Lygia Pape através do Hélio Oiticica. Na verdade, eu conheci Hélio no Museu de Arte Moderna em torno de 1966/67. Ele estava produzindo Tropicália, ia acontecer a exposição Nova Objetividade Brasileira. Começamos a conversar e ele me convidou para ir ao seu ateliê. Então comecei a frequentar a casa do Oiticica, onde eu conheci Rogério Duarte, Torquato Neto, Ivan Cardoso, enfim, vários amigos, e todos frequentavam a casa dele. Um dia, Lygia Pape também apareceu, eles já eram amigos do Movimento Neoconcreto e do Grupo Frente. De imediato, quando conheci Lygia, bateu uma empatia muito grande, bateu algo bastante forte porque ela tinha um poder de comunicação extraordinário. Ela realmente era uma pessoa muito comunicativa, muito inteligente, despojada. E muito linda porque tinha um rosto redondo, um olho brilhante, uma energia muito boa. Enfim, era uma pessoa maravilhosa de se conviver. Começou ali uma relação muito forte com ela, com Hélio Oiticica, com Mário Pedrosa, com o grupo que estava lá.

**RC:** Você chegou a acompanhar alguma das aulas da Lygia? De arquitetura? Essas aulas externas que ela fazia na favela da Maré, por exemplo?

*AM:* Eu não, mas vi algumas de suas aulas na Universidade Santa Úrsula e eram extremamente criativas. Ela chamava "pesquisa de campo". Tinha essa coisa poética de: "Vamos pra pesquisa de campo". E ia para o subúrbio, que ela adorava, com um fusca cor de café com leite: Madureira, Bangu, enfim... Lygia andava em tudo que era lugar; e no subúrbio porque tinha ali uma energia que lhe interessava. Quer dizer, tinha ali toda uma criatividade que ela captava e possivelmente aplicava em seu trabalho.

**RC:** E a dimensão construtiva? Pois há uma poética construtiva de outra espécie, e muito forte...

*AM:* Era uma fonte, ou melhor, para Lygia era um alimento. Assim como o mercado de Madureira a alimentava muito. Eu fiz alguns trabalhos assim com Lygia. Por exemplo, no filme que ela realizou chamado A Mão do povo, que era um pouco essa ideia da cultura popular que pode virar uma coisa erudita. A Mão do povo era simplesmente um filme que mostrava o que cada um realizava com uma lata de óleo: o cara pegava a lata de óleo, cortava e dali saía uma flor, depois cortava outra tira da lata de óleo e saía outra flor, e ia fazendo arranjos com essas latas de óleo. Ou um outro que pegava um cipó e fazia mandalas. Enfim, é a mão do povo... E esse trabalho eu fui chamado para fazer com Lygia.

**RC:** E o Wampirou?

*AM:* Wampirou foi outra experiência, um pouco mais vanguarda. Não teve essa origem tão marcante na cultura Kitsch que entusiasmava Lygia. Ela gostava era dessa pesquisa de campo, sair pelo subúrbio. Fiz algumas dessas pesquisas com ela e me lembro que no Sumaré, por exemplo, ela olhou a montanha e visualizou uma espécie de buraco cavado na terra, e começou então a ressoar O Homem e sua bainha. Era uma terra de barro. Paramos o carro, eu fiquei olhando aquele buraco, e ela – já teorizando O Homem e sua bainha – me pediu para raspar aquela terra. Há um registro disso que deve estar no Projeto Lygia Pape.

**RC:** É você cavando o buraco na cena inicial de O Homem e sua bainha?

*AM:* Eu vi uma vez na vida, depois nunca mais.

**RC:** Eu revi recentemente...

*AM:* E aí eu fiquei raspando como se fosse um útero... Aquilo se dava de forma efêmera. Muitas coisas que a gente fez juntos foram efêmeras, aconteceu e acabou, ficou na memória. Esse parece que foi registrado.

**RC:** Vocês que registravam?

*AM:* A própria Lygia Pape registrava. Teve outra experiência com uma cachoeira. Se me lembro bem, no caminho de Petrópolis tinha uma cachoeira maravilhosa com essa energia própria da água... Lygia me pediu para atravessar essa cachoeira (porque dava para atravessar); passava-se por um véu d'água e se desaparecia ali. Esse foi filmado. Entrei e sai na água, vai e vem, e ficou aquela energia forte. Nessa época eu usava um cabelo muito grande, estilo Hair, Beatles, interessante porque ficava aquela água nos meus

cabelos. Tem sensualidade ali. Lygia tinha esse poder de magnetizar as pessoas. Como seu trabalho imantado, de partes imantadas. Mas muitas coisas da Lygia eram efêmeras, aconteciam e sumiam. Como no seu trabalho Ovo, em que você rompe a casca e nasce de novo. Nascer de novo, romper, é um ato poético ao ser vivenciado e também um ato político. Essas aulas da Lygia eram muito criativas, os alunos adoravam porque tinham um valor de formação fora dos parâmetros acadêmicos. Ela rompia com aquilo. Inclusive, houve até conflitos na Santa Úrsula com alguns professores porque as aulas dela eram mais externas, ir para rua... E eram no curso de arquitetura!

**RC:** E os alunos?

*AM:* Os alunos adoravam! Até hoje agradecem, comentam... Lá havia moldes de gesso, maquetes, mas ela rompia com isso com o que ela chamava “pesquisa de campo”.

**RC:** Mas era um projeto de arte?

*AM:* Era um projeto de arte. Ela fotografava, era documentado.

**RC:** Você lembra de alguma aula com temas específicos como o branco ou o espaço?

*AM:* Não me recordo de nenhuma aula específica. Mas enfim, Lygia tinha formação também em filosofia, e toda essa poética entrava nas suas aulas. Eu me recordo que ela levava as pessoas para rua para despertar o olhar e isso já era uma mudança acadêmica, era uma forma de despertar, não só a retina, mas a coisa mental também: ver a arquitetura, ver Art Nouveau, ver não sei o quê, ver a favela, ver Madureira, o mercado, São Cristóvão... Ela adorava São Cristóvão por causa da energia dali... Toda essa cultura popular que é a nossa base também! Tudo vem dessa cultura popular, dessa energia. Ninguém cria do nada.

**RC:** E as pessoas têm, cada vez mais, muita dificuldade de olhar para fora, porque somos condicionados...

*AM:* É, compartimentados.

**RC:** Como você disse, há milhares de estruturas invisíveis, compartimentações a se quebrar... É impressionante, o sistema caminha fortíssimo. Mas esse projeto pedagógico da Lygia Pape era também no sentido da pessoa ser meio autodidata, você acha...

*AM:* Eu acho que ela preservava isso. Ela preservava a individualidade e a criatividade individual, isso era fundamental. O que ela tentava fazer era despertar o interesse para um pano colorido que estava ali e a possibilidade daquilo se dobrar. Uma das coisas mais lindas e poéticas era a sua narrativa do Livro da criação. Penso que esse livro existe enquanto ela narra: “no começo era assim, depois tudo é água, depois tem a quilha e se semeava...”. Olha, ela narrando isso, não sei se tem gravado ou não, mas era de uma força!

**RC:** No livro Gávea de tocaia tem uma espécie de legenda para as páginas do Livro.

*AM:* Aquilo é de uma força impressionante porque tinha uma narrativa com o tempo certo para aquele livro, o tempo certo para cada elemento do livro. Isso é genial. É uma poética incrível.

**RC:** O tempo como duração e um pensamento sobre a duração.

**RC:** Uma vez eu li algo nas entrevistas de Lygia que me marcou muito: a descrição que ela faz do Poema enterrado. Eu achei incrível justamente por isso que você está falando: dessa narrativa, desse tempo que ela sabe colocar...

*AM:* Eu fui com ela lá. Tem essa força e eu tenho também a foto do Poema enterrado, só da arquitetura com a Lygia descendo a escada. Fomos lá, mas o poema não estava mais.

**RC:** E é uma ficção, não? Impressionante como ela vai desdobrando.

*AM:* Exatamente. Lygia viajava e há sempre o componente da filosofia, mas com uma criatividade incrível. E Lygia usava, nós usávamos, o Super-8 também como um instrumento de linguagem. Bom, mas era assim sempre, com essa energia transgres...

**RC:** Transgressora.

*AM:* Transgressiva, transgressora, sempre.

**RC:** Uma ideia de experimental muito importante.

*AM:* Muito Importante. Experimental, sim... Sempre dobrando os papezinhos. Eu me lembro de quando ela ficou presa... Na ditadura prenderam a Lygia, a encapuzaram, levaram para Vila Militar. Depois eu fiz a Cristina Pape descobrir se ela estaria na Vila

Militar, através da Zuzu Angel. Eu conhecia Zuzu e ela me indicou o General Frota. Olha que loucura, fomos eu e Cristina na casa do General Frota perguntar onde estava a Lygia! Aí a mulher do General Frota anotou e disse que, dali a dois ou três dias, ia nos informar pelo telefone onde ela estaria. Dito e feito! Ela ligou para Cristina e disse que Lygia estava na Vila Militar, mas que ia ser solta logo em seguida, na semana seguinte, uma coisa assim. E foi o que aconteceu realmente. Isso graças a Zuzu Angel que nos indicou o caminho para encontrar Lygia, que até então estava desaparecida. E Lygia me contou que, na prisão, uma de suas ocupações era com os papeizinhos. Ela pegava papéis, pois teve acesso a folhas de papéis, e começava a dobrá-los. Com isso, dizia, ela ganhava o tempo, o tempo passava enquanto criava umas formas, umas dobrinhas. Quando perceberam que isso a estava ajudando de alguma forma, ou psicologicamente ou a suprindo de uma energia qualquer, eles tiraram todo o papel e não a deixaram mais fazer suas dobrinhas. Mas até então, ela havia encontrado um modo de canalizar sua criatividade.

Lygia tinha prazer em dar aula! Ela gostava de ensinar, era uma pessoa muito culta, que lia bastante. Eu já não tinha esse prazer, nunca foi a minha, na verdade... Mário Pedrosa falava que é a força irredutível do ser, que é importante dar essa força, dar essa energia para a criatividade. Era o que Lygia fazia. Quer dizer, é a individualidade de cada um que tem tal poder de comunicação. É o dentro, é a alma, é o espírito que entorna essa criatividade para fora. Lembro mais uma vez do Pedrosa: “o artista é o bicho da seda porque faz isso graciosamente”.

**RC:** É uma imagem maravilhosa.

**AM:** É linda essa imagem! “O artista é o bicho da seda porque produz graciosamente”. Mas o sistema, falávamos disso, agora não é esse...

**RC:** Há violências hoje de outro tipo, mas as obras de Lygia têm também uma relação muito forte com a violência daquele momento.

**RC:** É, lembro da Lygia Pape numa entrevista, acho que no livrinho do Centro de Arte Hélio Oiticica, mencionando que estava aberta uma seleção para o MAM que iria comprar obras de arte. Então ela enviou a Caixa das baratas e a Caixa das formigas como uma crítica, sabendo que obviamente o museu não iria comprar um trabalho com aquele formato, nem com esse tipo de conteúdo que está criticando a própria instituição. Ela mandou como uma espécie de provocação, mesmo sabendo que não ia ser comprado.

*AM:* É verdade. Participaram da Nova Objetividade.

**RC:** Sim, esses dois trabalhos. E havia a frase contida na Caixa das formigas: “A Gula ou a Luxúria” que se desdobraria em outros trabalhos como Eat me, o filme. “Eat me: a gula ou a luxúria?” se chamariam também as individuais que ela realizou na Galeria de Arte Global e na Área Experimental do MAM-RJ.

*AM:* “A Gula ou a Luxúria”! Caixa das formigas é um trabalho maravilhoso! Lygia tinha uma paixão muito grande, era uma apaixonada, mas ela tinha também um panteísmo, um grande amor à natureza. Isso era implícito nela, porque ela vinha de Friburgo com aquela montanha e natureza maravilhosas, isso fazia parte dela. Por isso estou lembrando O Homem e sua bainha, ali ela quis voltar um pouco ao lugar em que foi criada, o lugar sempre bucólico de sua infância com árvores frutíferas, água, rio... O Homem e sua bainha é perto de onde ela morou no Rio Comprido, bucólico. Tem uma relação com o espaço também, além da ligação com a natureza.

**RC:** Você também tinha?

*AM:* Eu com certeza. Daí essa identificação também. Eu tive uma infância também muito próxima dessa coisa panteísta. Tanto em Portugal quanto no Brasil.

**RC:** Sobre o nosso dossiê... A Revista Concinnitas é uma revista semestral, e o próximo número contará com esse dossiê cujo tema é arte, educação, sedução. Então, gostaria de perguntar: de que maneira esse tema da sedução apareceu nos trabalhos da Lygia? Relacionando esse tema com ela, como professora, como artista, o que você gostaria de destacar nesse sentido?

*AM:* Bom, teve um problema com os Objetos da sedução em São Paulo, na Galeria Global, e no dia seguinte tiveram que fechar, porque ela vendia cada saquinho a 1 cruzeiro, um público enorme indo lá e comprando aqueles saquinhos. Tinha cabelo, tinha unha, cílio postiço, tinha figurinha de mulher nua, e aí resolveram censurar.

**RC:** Você fez junto?

*AM:* Eu ajudei muito, fiz muitos saquinhos de pipoca. Em cada saquinho, ela dava um beijo. Milhares e milhares daqueles e não tenho nenhum! Mas enfim, ela vendeu muitos a 1 cruzeiro, era simbólico. Mas eu diria que o trabalho dos anos 70 com muita

poética e sensualidade, que eu me lembro, é O Homem e a sua bainha. Outro trabalho em que eu também estava bem próximo foi Divisor, um manto que vestimos e que ficam só as cabeças expostas. É um trabalho que também tem essa sensualidade. Ele me lembra o filme do Eisenstein, Que Viva México!, nas cenas das pessoas enterradas com a cabeça de fora, filme extraordinário!

**RC:** E a força de reunir todas essas pessoas não é pouca coisa! Porque não é só do trabalho em si, mas é também fazê-lo acontecer, é uma potência...

**AM:** Verdade. Então, sobre essas experiências da Lygia mais performáticas, acho que todas têm um elemento de sensualidade gigante. E Divisor é um trabalho político, tem uma enorme força política. Bom, estou lembrando também de outro trabalho próximo a esse, que ela fez no MAM: Ame-o ou Deixe-o. Era um ícone, uma mulher projetada no museu chamando...

**RC:** Na Área Experimental do MAM? Na individual que ela realizou lá?

**AM:** Foi, mas esse trabalho ficava do lado de fora, ficava para o Aterro; a ideia era que os carros e as pessoas do Aterro vissem essa imagem.

**RC:** Mas o que era, um neon?

**AM:** Não, era uma imagem projetada.

**RC:** E ficava visível à distância?

**AM:** Sim, dava para ver à distância.

**RC:** E a recepção disso? Principalmente porque era uma mulher, pensar nesse contexto paternalista, patriarcal do Brasil.

**AM:** É, a Lygia tinha muito isso, de discutir a mulher na sociedade. O Homem e sua bainha também é outro trabalho brilhante: o túnel seria a bainha, o homem queria entrar no túnel, esse elemento externo. É uma projeção sensual, e boa parte de sua obra está conectada com essa sensualidade, com a vida. Na verdade, é a vida. Ela junta e casa as experiências de arte e de vida. Sua própria vida era arte porque não era fácil para Lygia trabalhar, ter dois filhos, dar aula, fazer cinema, havia muita criatividade ali.

**RC:** Você estava muito próximo nesse momento dos anos 1970?

**AM:** Uma proximidade bastante intensa e forte, tanto com ela quanto com Hélio. Na verdade era um trio que estava sempre junto, todo dia.

**RC:** E ao mesmo tempo os três juntos mas diferentes, guardando as individualidades.

**AM:** Por isso que era interessante e por isso que dava certo também. Foram uns 10 anos com essa intensidade, anos bastante marcantes. Depois o Hélio foi embora e fiquei mais próximo ainda de Lygia. Hélio viajou para Londres, na verdade para Whitechapel. Aliás, quem levou Hélio no navio fomos nós: Roberta Oiticica, sua cunhada, Lygia e eu. Torquato foi junto no mesmo navio. E quando ele voltou, eu fiz a fotonovela, que é essa lembrança da Praça Mauá e do Navio. Depois continuamos amigos e próximos, mas foram dez anos intensos.

**RC:** E de trabalhos juntos.

**AM:** De trabalhos juntos e até mesmo de alguns se fundirem com outros; de não se saber de quem é, se é dela ou se é meu, porque era uma conversa diária constante. Raymundo Colares entrou também um pouco nesse meio, Lygia também gostava muito do Colares, tinham uma boa amizade, ele ficou muito próximo. As coisas se fundiram um pouco, e não interessava se era autoral naquele momento, interessava era a posição estética, uma posição política que avançasse. Não importava de quem era, autoria não tinha não, não havia essa preocupação, nem de Lygia, nem minha, nem do Colares, e nem do Hélio, acredito eu, mas isso é uma coisa que se falava, um entregava para o outro de forma generosa, é o amor [risos], mas era sentindo amor. É uma coisa, a descoberta do amor! Rogério Duarte que falava isso, “tentar descobrir o amor”! Rogério berrava isso aos gritos: “Temos que descobrir o amor!”.

**RC:** Acho que isso é a apoteose da sedução.

**AM:** E que era um dínamo, uma energia, o início da criação. É isso. Tudo integrado ali.

**RC:** Terminou bonito, de forma vital. Maravilhoso.

**RC:** Interessante porque este momento, em que a UERJ está paralisada em greve, é um momento tenso, de muito engajamento, e é muito importante pensar o

engajamento associado a uma poética, a um pensamento artístico-crítico que escape desse toma lá dá cá de respostas fáceis, ou que se reduza a ser apenas uma denúncia. Escutar você falar dessa liberdade que não é dada, é uma liberdade que...

*AM:* Que precisa ser conquistada.

**RC:** A liberdade é um desejo, mais do que uma resposta qualquer, é alguma coisa que...

*AM:* Verdade, tem que se lutar por isso.

**RC:** Mantida viva, desejos...

Antonio Manuel é artista visual e conviveu intensamente com Lygia Pape. Trechos da entrevista realizada por Fernanda Pequeno e Inês de Araújo no ateliê de Antonio Manuel, no Rio de Janeiro, em abril de 2016.

---

1 Participaram: Antonio Manuel, Fernanda Pequeno, Inês de Araújo e Marisa Abate. Transcrição e edição: Fernanda Pequeno, Jéssica Barbosa, Joyce Delfim e Marisa Flórido.